

# Migración temprana

## Movilidad y desplazamiento de niñas, niños, adolescentes y jóvenes por América Latina

Alberto Hernández Hernández  
y Jhonnatan Moisés Curiel Sedeño  
*(coordinadores)*

En homenaje a Carlos Javier Echarri Cánovas  
y Rodolfo Tuirán Gutiérrez

# Coletivos de jovens imigrantes na cidade de São Paulo: Ações político-culturais, estratégias de existência e resistência<sup>1</sup>

Silvia Helena Simões Borelli / Rosana de Lima Soares /  
Maria Claudia S. de Paiva / Priscila Klaus

## *Introdução*

Um dos pilares fundamentais de definição do contexto de globalização (Appadurai, 2004) está ancorado nos contínuos e crescentes fluxos migratórios que atravessam os continentes, desterritorializam comunidades e grupos populacionais, criam novas dimensões espaço-temporais, ampliam os contingentes de excluídos e tornam-se tema prioritário na pauta contemporânea. As imagens e as pessoas circulam e estão em movimento; afetos, potências, medos são compartilhados; vivências e experiências são sentidas; mundos são

<sup>1</sup> Este artigo baseia-se em resultados de pesquisa mais ampla intitulada *Jovens Urbanos: Políticas Públicas, Ações Culturais, Políticas e Comunicacionais em São Paulo*, realizada na área de Antropologia do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, da PUCSP. Vincula-se à Red Iberoamericana de Posgrado em Infancias y Juventudes – RedINJU, ao GT Clacso – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, *Juventud e Infancia: prácticas políticas y culturales, memorias y desigualdades en el escenario contemporáneo* (2016-2019) e ao Grupo de Pesquisa CNPq (Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Brasil) *Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis*. Realizada entre março de 2016 e dezembro de 2018, a pesquisa obteve financiamento do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP/Brasil).

imaginados (Anderson, 2008) e recriados por meio de significações interculturais (García Canclini, 2004; Valenzuela Arce, 2014).

Os processos migratórios são heterogêneos e diversos, atravessam e reconfiguram as vidas dos que se movem, da mesma forma que impactam os que já se encontram no local de acolhida desses sujeitos. São experiências sociais, culturais e políticas – distintas e compartilhadas – que se entrecruzam nos variados cantos, esquinas e territórios do mundo. As migrações internacionais são crescentes e configuram um complexo e desafiador panorama:

No início do século XXI, as migrações internacionais alcançaram uma dimensão sem precedentes. Diferentemente do passado, porém, não são os europeus que emigram para o mundo. Ao contrário, em pleno declínio demográfico, a Europa tornou-se um dos primeiros destinos migratórios. Mas é o planeta inteiro que está em movimento, especialmente o Sul. Surgiram novos destinos, como os Estados do Golfo, o continente africano e alguns países asiáticos, enquanto os países outrora de partida passaram a ser de acolhida e de trânsito, como o Sul da Europa, mais tarde o México, a Turquia e os países do Noroeste da África (Magrebe) (Wenden, 2016, p. 18).

Desse modo, é importante observar que existe um crescente deslocamento entre os países do «Sul Global», que tem sido denominado «migrações Sul-Sul» (Baeninguer *et al.*, 2018), caracterizado como um fenômeno que se intensifica a cada ano e sinaliza a complexidade e heterogeneidade das relações interseccionais – raciais, geracionais e de gênero – imbricadas nos fluxos migratórios internacionais. Esse intenso processo revela as restrições em fronteiras internacionais que limitam – ou mesmo impedem – a entrada e a permanência de imigrantes em países do Norte, reconfigurando, assim, as dinâmicas das migrações e os próprios destinos previamente escolhidos (Baeninguer *et al.*, 2018).

As características dos trânsitos «Sul-Sul» impõem novos desafios aos países inseridos nessas rotas; e demandam agendas e polí-

ticas de enfrentamento e superação dos problemas relacionadas aos estigmas, aos preconceitos e aos múltiplos racismos típicos à produção e reprodução, em outros patamares, das vidas cotidianas desses sujeitos. O Brasil, assim como outros países que não se localizavam tradicionalmente no centro dos destinos migratórios (Bógus e Fabiano, 2015), situa-se nessa rota e, nas últimas décadas, experimenta mais ativamente esses fluxos migratórios, uma vez que se tornou, até recentemente, um lugar de crescente acolhida aos imigrantes:

De início, o fato que mais chama a atenção no discurso da população em geral é a desconexão entre as migrações do passado (de portugueses, alemães, italianos, japoneses, libaneses, entre outros), intensas no fim do século XIX e início do século XX, e as migrações de sul-americanos, haitianos e africanos que têm ocorrido ao longo dos últimos 30 anos para o Brasil (Bógus e Fabiano, 2015, pp. 132-133).

O panorama atual, assim, é marcado por novas rotas e trajetórias que demonstram uma significativa transformação relacionada a outras experiências migrantes. Observa-se a ampliação do número de mulheres (Alles e Cogo, 2018), o crescimento de africanos, haitianos (em sua maioria negros e negras) e latino-americanos (muitos com fenótipos indígenas), assim como o aumento de jovens – migrando sozinhos ou com suas famílias (Echeverri, 2017).

As juventudes se encontram, cada vez mais, inseridas nos processos migratórios recentes de forma global e local, com presença na cidade de São Paulo; jovens imigrantes, de diferentes origens, que ocupam espaços e lugares (Certeau, 2014) nos bairros e ruas da cidade, organizam-se coletivamente e desenvolvem ações político-culturais para o enfrentamento das múltiplas estruturas de exclusão, marcadas por estigmas e preconceitos de classe, gênero e raça e pela presença hegemônica de políticas xenofóbicas de violência nos cenários metropolitanos.

Estar em um lugar que não me pertence, mas que me pertence, acontece o mesmo estando aqui [em São Paulo]. Me pertence, em primeiro lugar porque eu tenho amigos, que acabam sendo uma família; então, para mim, eu tenho duas famílias. Me pertence também porque meus antepassados estiveram aqui e contribuíram para a construção desse país. Aqui também é minha casa (EP. Muxima na Diáspora, 26 out. 2017).<sup>2</sup>

Mesmo com as condições adversas inerentes ao processo de adaptação das vidas migrantes, o relato acima emerge como uma brecha de possibilidades: restituição do sentido de território – a cidade, a casa –, das relações familiares – as tradições, as rupturas – e das redes de pertença, sociabilidades e socialidades.

Nesse sentido, e considerando novos contextos, a investigação privilegiou coletivos juvenis com pautas voltadas às questões acima referidas (gênero e raça) e, no processo de mapeamento dos inúmeros grupos com atuação na cidade de São Paulo, quatro se destacaram: Sarau das Américas, Visto Permanente, Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas e Muxima na Diáspora.

O Sarau das Américas, composto em sua maioria por imigrantes latino-americanos, tem por objetivo a produção e disseminação de poesia, literatura e arte:

nasce da vontade de transcender as fronteiras das línguas que habitam este continente, de vivê-las na interação poética, e de percorrer o caminho de seus poetas e poetisas, num presente criativo, imediato, que coexiste nesta megalópole paulistana. Mensalmente, numa terça-feira, organizamos o encontro poético para atravessar essas fronteiras e cultivar este *Encuentro*. Organizamos outros eventos que dialoguem com as culturas que nos representam nesta terra Americana (Sarau das Américas, 2018, página web).

<sup>2</sup> O padrão adotado como referência para identificação das narrativas coletadas assim se apresenta: EP (Entrevista em Profundidade). Nome do Coletivo. Data de realização da entrevista.

O coletivo Visto Permanente foi criado em 2015 com o objetivo de construir «um espaço virtual vivo, no qual se representam as comunidades imigrantes de São Paulo, por meio da sua expressividade artística e cultural», estabelecendo interlocução com agentes culturais e artistas imigrantes, «muitas vezes invisibilizados pelas grandes mídias ou, até mesmo, por mídias alternativas» (Visto Permanente, 2018, página web). Com a crescente manifestação da cena cultural imigrante, sua ação expandiu-se em direção a outras áreas: exposições, debates, festivais, organização dos TAI's (Territórios Artísticos Imigrantes) e intervenções performativas em espaços públicos.

A Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas, uma organização de mulheres imigrantes de diversas nacionalidades, propõe ações político-culturais mediadas por debates, danças e oficinas:

faz parte do Organismo Internacional Convergência das Culturas, tem por missão facilitar e estimular o diálogo entre as culturas e denunciar e lutar contra toda forma de discriminação e todo tipo de violência, através da promoção e a proteção dos Direitos Humanos, do apoio à integração social e comunitária, da promoção da intermulticulturalidade na vida social, da promoção da Metodologia da Não Violência Ativa, promovendo ações para orientar mudanças positivas nos indivíduos e na sociedade (Warmis, 2018, página web).

O Muxima na Diáspora, por sua vez, é «um coletivo de jovens angolanos residentes no Brasil» (Muxima na Diáspora, 2018, página web). O grupo é «formado por jovens com trajetórias de vida distintas, mas que se (re)encontraram na cidade de São Paulo. Decidiram atuar juntos em busca da reconstrução tanto da sociedade que os recebeu quanto do país que deixaram» (Paiva, 2018).

Algumas indagações orientaram a investigação e permitiram o delineamento dos critérios de busca por respostas: como esses

jovens imigrantes transformam e ressignificam territórios, espaços e lugares (Santos, 2009; Certeau, 2014)? Como redesenham e repensam fronteiras sociais, físicas e simbólicas? Quais as maneiras que encontram para lutar contra estereótipos e preconceitos que lhes são designados e impostos cotidianamente? Quais os caminhos percorridos na construção de formas de existir, resistir e reexistir? Qual o papel de ações político-culturais na transformação da sociedade que os cerca?

Baseada em metodologias qualitativas e em perspectiva multidisciplinar, esta pesquisa foi construída sob o pressuposto da compreensão das dimensões históricas, políticas e antropológicas que atravessam as vidas migrantes (Borelli, Soares, Paiva *et al.*, 2018). A pesquisa buscou estabelecer interlocuções com jovens em seus próprios contextos locais, pessoais e coletivos. Assim, as narrativas e as trajetórias de vida dos jovens imigrantes ocupam um lugar epistemológico e metodológico privilegiado, capaz de garantir a presença de múltiplas vozes – muitas delas silenciadas – e estabelecer conexões entre eles, a cidade, o mundo acadêmico, as esferas públicas e outros imigrantes. Para tal, foram realizadas observações etnográficas em eventos específicos, assim como entrevistas em profundidade e acompanhamento dos coletivos em redes sociais, entre 2016 e 2018. No decorrer do processo de coleta de dados, trocas e compartilhamentos foram tecidos e experiências compartilhadas.

### *Ocupação dos espaços da cidade: de fronteiras a etnopaisagens*

é muito impressionante quando você se vê imigrante e passa por algumas situações que você pensa que só acontecem contigo, tipo “só eu que estou super sem grana, que estou querendo voltar para casa, que não consigo parar de chorar, que tenho saudade da minha mãe” e, de repente, você encontra com outros imigrantes e as histórias são parecidas, os problemas são parecidos, as carências são parecidas, a língua é parecida. Então cria-se uma

irmandade e uma identidade muito grande, um espelho muito forte. Já que estamos passando pela mesma coisa, vamos nos unir e nos amar, e se apoiar e se ajudar (EP. Sarau das Américas, 18 abr. 2018).

É possível perceber diferentes formas pelas quais jovens imigrantes buscam múltiplos pertencimentos no tecido social local. Essa busca perpassa suas vidas, misturando-se à ocupação dos espaços da cidade, sejam eles públicos, privados ou comunitários. Ocupar a cidade simboliza e codifica a presença dessas vozes e corpos, que se articulam com o objetivo de estar juntos e de construir territórios e pertencas comuns. Por meio de ações culturais e coletivas, eles ressignificam espaços e lugares (Certeau, 2014) e os transformam em territórios ocupados (Santos, 2009), em «lugares meus» (Borelli, Rocha e Oliveira, 2009), que se transformam em «lugares nossos» e em possíveis etnopaisagens (Appadurai, 2004), fundamentais na construção de vínculos e afetos, assim como de algum tipo de conforto/ acolhimento longe de casa.

As etnopaisagens – entre outras paisagens – transformam o mundo, e as relações entre as pessoas que nele habitam, em cenários fluidos nos quais os olhares e os «ângulos de visão» capturam imagens de forma perspectivada, em «múltiplos universos que são constituídos por imaginações historicamente situadas de pessoas e grupos espalhados pelo globo» (Appadurai, 2004, p. 51):

Por etnopaisagem designo as paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afectar a política das nações (e entre as nações) a grau sem precedentes (p. 51).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Além da etnopaisagem, Appadurai (2004) propõe outras «paisagens» – mídia, financio, tecno, ideo – como «um esquema elementar para explorar as disjunturas [...] paisagem como sufixo permite-nos apontar a forma fluida, irregular desses horizontes» (p. 50).



Essa seria a «globalização» não apenas no sentido homogêneo, mas com características disjuntivas atravessadas pela cultura, pelas ações políticas, pelos conflitos de classe, étnico-raciais, de gênero, geracionais e pela circulação de imagens e imaginários que configuram uma ordem complexa, estratificada e contraditória. Ordem essa na qual os modelos e as perspectivas preexistentes acerca das noções, entre outras, de centro-periferia, norte-sul, regional-nacional-internacional merecem ser repensadas. Globalização que não nega as comunidades ou redes de afeto já estabelecidas em suas formas «mais estáveis» concebidas em seus lugares de nascimento (graus de parentesco, amizade, trabalho, lazer) e as insere, em processos que implicam sofrimentos e perdas, nos intensos deslocamentos.

Os desafios da globalização e o enfrentamento de situações provocadas pelos fluxos migratórios para países como o Brasil – e em metrópoles como São Paulo – não estão localizados apenas na esfera econômica, mas também nas realidades das vidas cotidianas de imigrantes. Tais desafios compõem, hegemonicamente, as agendas econômicas, políticas, sociais, culturais e comunicacionais de governantes, organizações da sociedade civil e agências internacionais; demandam do Estado, dos governos e das demais institucionalidades a proposição e execução de políticas que possam resultar no acolhimento, no acesso à informação e na integração a outros serviços capazes de garantir condições dignas de vida a sujeitos que aqui chegaram fugindo de guerras e de contextos adversos em seus próprios países de origem, ou em busca de outras oportunidades e possibilidades.

A intensa circulação de pessoas cria perspectivas e cenários diferentes, e por vezes novos, tanto nos países emissores quanto nos receptores desses sujeitos em fluxo. Trata-se de migrar em busca de melhores e/ ou novas possibilidades, sair de onde não se quer estar ou não se pode mais estar em consequência de guerras, miséria, política (Paiva, 2018). Desse modo, as etnopaisagens per-

mitem a criação de substratos importantes para repensar as ideias acerca das identidades culturais. Ao revés de concepções acerca da identidade como uma categoria fixa e homogênea, relacionada sempre à nação de origem de seus sujeitos, por meio da reformulação e da redefinição de espaços e lugares (Certeau, 2014) novas formas de conceber, sentir e experimentar as identidades culturais são escritas e desenhadas. São múltiplas as maneiras de ser, estar e pertencer desenvolvidas nesse processo; e diversas as formas de perceber as nuances dos lugares e das relações, que se entrecruzam e dialogam com as experiências individuais e coletivas desses jovens. Integrante do coletivo Visto Permanente, por exemplo, relatou:

a gente fez uma pesquisa há alguns meses por conta de um projeto que estamos pensando e está em processo de formulação. Então, fomos pesquisar exatamente essa relação dos imigrantes com os bairros na cidade de São Paulo. Achemos alguns dados interessantes: em Guaianazes, um bairro da Zona Leste, tem muita presença de grupos africanos, haitianos, bolivianos, mas, mesmo quando o bairro é central tem uma periferia social, como no bairro do Bom Retiro, por exemplo, atrás da ponte da Santa Cecília. Eu brinco porque para mim esse bairro vai nessa descida desde Higienópolis, passando novamente pelo bairro *hipster*, que é a Santa Cecília, e pela estação Marechal, até chegar do lado oposto da ponte ou do outro lado do muro, como se fosse uma Alemanha do leste e a outra do oeste. Por ali tem uma concentração de paraguaios também. A gente foi conhecer e trocamos umas ideias, aos poucos a gente quer que o projeto consiga fazer essa identificação dos bairros, é um dos planos para o futuro. Queremos saber onde os imigrantes estão e vão, porque muitas vezes os imigrantes vêm na procura da família e de amigos, e vão criando essas redes entre eles. É muito comum isso (EP. Visto Permanente, 13 mar. 2018).

Essa noção trazida pelo participante, sobre o «outro lado do muro», manifesta uma das contradições existentes no mundo globalizado: de um lado, aparenta ser mais fluido, ter fronteiras mais

flexíveis ou menos identificáveis; do outro, intensifica desigualdades e impõe fronteiras geográficas, simbólicas e até mesmo físicas aos sujeitos em deslocamento.

São Paulo é uma cidade metropolitana e seus espaços e territórios são divididos, mesclados e, muitas vezes, desconhecidos. Os territórios impactam e são afetados diretamente por essas características globais – velocidade, agilidade, contrastes, diversidades e desigualdades. A metrópole vivencia diariamente suas contradições e esses jovens imigrantes experimentam e ressignificam muitas delas:

A cidade de São Paulo está repleta de *outros*, são *muitos* e são *distintos* (múltiplas nacionalidades, religiões, crenças e, principalmente, fenótipos – negros, negras, indígenas, árabes). São esses imigrantes que circulam pela cidade atualmente: «os bolivianos que dominam o bairro do Brás»; «os africanos que vendem seus tecidos na praça da República»; «os haitianos que ocupam o bairro do Glicério»; «os palestinos que têm um comércio no bairro do Bixiga» (Paiva, 2018, p. 120).

Pensar as fronteiras em tempos de globalização, deslocamentos e fluxos é refletir sobre as dimensões concretas e simbólicas, pois ambas existem e residem nas experiências migrantes. É possível perceber que os limiares configuram algum tipo de duplicidade, pois são ao mesmo tempo capazes de incluir e excluir; marcar similitudes e ressaltar diferenças. E é nesse duplo, nesse «entre-dois» (Agier, 2015), que as vidas imigrantes se estabelecem: algo como «ser de lá» e «estar aqui» (Gusmão, 2011). Nessa relação aprendem a negociar, a resistir e a reexistir aos processos sociais, culturais e políticos de um país que delimita fronteiras e impõe barreiras ao longo dos movimentos de integração desses sujeitos.

Os jovens imigrantes dos coletivos experimentam diversas situações de fronteira (Agier, 2015) vividas no Brasil. São inúmeros os relatos trazidos sobre essas condições, que revelam vivências distintas, porém similares, sobre como viver em circunstâncias limí-

trofes. Os jovens latino-americanos, por exemplo, relatam o que é fazer parte da América Latina, um vasto e plural continente. Entre dificuldades e facilidades, descrevem os desafios enfrentados para fazer parte dessa complexa «irmandade», como alude S., ao problematizar a ideia de que o Brasil não faz parte desse todo latino: «Tem muito esse mito de que os brasileiros não se acham latinos, não se acham da América Latina, ou que o brasileiro tem certos preconceitos. Na minha experiência, eu percebi que tem muito mais coisas que nos aproximam do que nos distanciam» (EP. Sarau das Américas, 18 abr. 2018). São essas percepções e as construções desses imaginários que operam nas rupturas e nas consolidações das mais variadas fronteiras.

Desse modo, as barreiras que separam, objetiva e subjetivamente, os «de dentro» e os «de fora» – e que estabelecem quem tem o direito a entrar em certos territórios – também integram esses mesmos sujeitos (Valenzuela Arce, 2014). A questão simbólica que envolve o «interno» e o «externo» cria espaços e lugares; torna-se necessário, portanto, pensar *desde e além* de seus limites fronteiriços, no sentido de perceber quem está do outro lado e o que este *outro* carrega consigo. Para tal, Valenzuela Arce (2014) sugere o termo «transfronteira», a fim de elucidar os espaços nos quais as vidas desses jovens imigrantes se refazem, se cruzam e se interpe-lam: nas transfronteiras, sentidos, subjetividades, territórios, afetos e sentimentos são recriados.

Nesse cruzar de fronteiras ocorre a justaposição, a disjunção e a reformulação de identidades. Além disso, cartografias de resistências são construídas, na luta e em representações múltiplas, no sentido de caminhar para uma sociedade econômica e socialmente justa e equitativa (Belausteguigoitia, 2009):

Por vezes é complicado, principalmente quando a gente chega. Eu acho que toda pessoa que sai do seu país para começar uma vida nova em outro lugar tem aquele medinho... e isso é coisa de pessoas corajosas, e quando se consegue fazer isso tem que

enfrentar algumas coisas difíceis: a burocracia, a dificuldade para arranjar emprego, a coisa da língua – é muita coisa que se junta, mais a história que a gente carrega. No meu caso, que sou cubana, quase todo mundo quer saber as mesmas coisas... então eu não sei quantas vezes eu já contei se eu gosto ou não de Fidel, se eu fugi, se é realmente tão difícil viver em Cuba. Quase sempre são as mesmas dúvidas (EP. Sarau das Américas, 18 abr. 2018).

As transfronteiras produzem lugares para existir e resistir e, nesses espaços, corpos, memórias e experiências situam-se como contranarrativas (Paiva, 2018). As construções coletivas de novos caminhos, territórios e buscas por pertença configuram-se, assim, como práticas emergentes no cenário atual. As redes formadas geram possibilidades de *ser* e *estar* repletas de solidariedade, afetos e oportunidades de visibilizar tanto as ausências – de direitos, de condições básicas de vida – quanto as potências – ações culturais de visibilidade, de busca por representatividade – edificadas nesses trajetos. São processos ao mesmo tempo plurais e singulares, coletivos e pessoais, culturais e políticos:

Eu acho que todo ato humano já é um ato político. Acho que desde os primórdios do Visto [coletivo Visto Permanente], quando surge a necessidade, a premissa de dar visibilidade à questão e aos novos imigrantes que estão chegando, o que fazemos já é uma luta política, já é um fazer político. O fato de no Brasil só serem reconhecidos os imigrantes esbranquiçados, os alemães e os italianos. Tentar fazer com que esses novos fluxos migratórios sejam reconhecidos como parte integrante da cidade de São Paulo e da cultura da cidade me parece ser um ato político (EP. Visto Permanente, 13 mar. 2018).

O relato do integrante do coletivo revela algumas marcas e reflexões no que tange a questões acerca da construção de invisibilidades e representatividades no Brasil. As práticas político-culturais, os ativismos e as maneiras encontradas por imigrantes para resistirem

às mazelas e às exclusões sociais instigam e provocam alguns questionamentos de estruturas e bases nas quais relações sociais, raciais, culturais e políticas são sustentadas e reproduzidas. Quem são os sujeitos com direito à vida, à participação política e à integração social, e de que forma são reconhecidos ou não como sujeitos de direitos?

*Estigmas sociais, preconceitos, estereótipos*

A questão que envolve o duplo movimento implicado nas migrações – «ser de lá» e «estar aqui» – abarca inúmeros significados. Em relatos e em ações que promovem, os imigrantes contam sobre as experiências dessa condição que os atravessa. A temática, que toca tanto estigmas e preconceitos, quanto estereótipos e exclusões, é marca de suas denúncias e lutas cotidianas. Os jovens imigrantes apresentam histórias e trajetórias distintas, particulares e não lineares, e carregam experiências ancestrais que podem ser reformuladas para contrapor imaginários sociais de marginalização do outro e para contestar narrativas hegemônicas (Williams, 2011) ou consolidadas acerca dos fluxos na história migratória brasileira.

Uma delas, por exemplo, está relacionada às estruturas racistas tão presentes nessa sociedade e ao fato de imigrantes europeus e norte-americanos – os brancos, em geral – receberem tratamento diferenciado em relação aos latino-americanos, em especial aqueles com fenótipos indígenas, ou aos africanos negros, alvos prioritários de ações xenofóbicas. Os jovens, assim como muitos imigrantes, são comumente alvos de preconceito e colocados em posição de inferioridade, subalternidade e vulnerabilidade social. Estão sujeitos a distintos modos de discriminação e, por vezes, segregação.

As jovens do coletivo Equipe de Convergência de Base Warmis pontuam em suas falas e ações as dificuldades que encontram no mercado de trabalho, na saúde e na educação, por trazerem marcas e traços indígenas. Por essa razão, questões relacionadas à memória

ancestral do coletivo estão sempre presentes nos debates e atuações que organizam ou participam, ainda que muitas delas sejam alvo de práticas preconceituosas, racistas e xenófobas.

O preconceito que sofrem está ancorado em representações de um imaginário dominante que subjuga e inferioriza quem é diferente, o *outro*. Toma forma quando «irmãos» e «irmãs»<sup>4</sup> continentais (latino-americanos) ou quando africanos e africanas fazem do Brasil sua nova casa e padecem, cotidianamente, as consequências de tais estruturas. Ainda que identidade e diferença constituam, simultaneamente, as identidades sociais (Hall, 2000; Silva, 2000), a construção simbólica desses sujeitos está centrada na negação, na qual a relação com o *outro* é estabelecida pela separação daquilo e daqueles que se encontram *fora de lugar*:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Afirmar «o que somos» significa reiterar «o que não somos». A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (Silva, 2000, p. 82).

As perspectivas que contribuem para a manutenção e a reprodução dessas práticas reforçam estereótipos atribuídos aos *de fora*, àqueles que são estrangeiros e *exóticos*: a «cubana comunista e fugitiva», o «africano que veio para o Brasil roubar», a «boliviana que veio ser escravizada».

Os imigrantes que chegam ao Brasil carregam, consigo e em si, representações construídas em um imaginário que os antecede, isto é, a construção do *outro* está imbuída de imagens e estereótipos que representam pouco ou quase nada da realidade encontrada (Paiva, 2018). Os jovens angolanos do coletivo Muxima na Diáspora convidam, nas ações político-culturais que promovem,

<sup>4</sup> «Irmãos e irmãs», no diálogo com a denominação em espanhol «hermanos», comumente utilizada, entre si, por latino-americanos.

à reflexão acerca das representações e das concepções que comumente são atribuídas à África – muitas vezes referida a uma África genérica, selvagem e longínqua, sem percebê-la tanto no passado quanto na contemporaneidade. Para tal, realizam eventos que mesclam elementos ancestrais e outros mais globais: misturam o *rap* com as danças africanas tradicionais, mostram os tecidos africanos em desfiles de moda no centro da cidade de São Paulo. São formas de marcar e aproximar diferentes alternativas de *ser e estar*, e ressignificar séculos de construções narrativas nas quais suas histórias foram silenciadas e apagadas.

Mais do que modos de exclusão e produção de desigualdades, a complexidade da relação entre identidade e diferença, no caso desses imigrantes (especialmente latino-americanos e africanos), mobiliza diversos conceitos. Entre eles, destacamos os *estigmas sociais* e termos a ele associados, tais como preconceitos, estereótipos, discriminação e dominação, que podem levar a outras ações e gerar efeitos sociais perversos e, muitas vezes, violentos: «O jogo entre essas palavras se faz de forma dinâmica e não-hierárquica, ainda que possamos estabelecer uma ordem lógica: dos estigmas à dominação, passando pelos preconceitos, pelos estereótipos, pela discriminação e pela exclusão das minorias» (Soares, 2009).

O deslizamento entre esses termos relaciona-se também àquilo que o estigmatizado, colocado no lugar do *outro*, evoca naquele que, supostamente, ocupa uma posição hegemônica. Ainda que o estigma seja definido como uma marca constituinte do sujeito estigmatizado, um fenótipo, uma condição de *ser e estar*, o *outro* é sempre uma construção social ancorada em um espaço-tempo e inscrita em um processo histórico, construção essa relacionada à dominação e ao poder. Ou seja, a criação imaginária e coercitiva de cor, raça ou etnia, das marcas do *outro*, está baseada em processos ideológicos que respondem a determinados discursos e hierarquias.

As migrações recentes de latino-americanos e africanos para o Brasil posicionam o país em uma nova condição social, política,



cultural e, principalmente, na constituição das relações raciais brasileiras. Vive-se sob o espectro de imaginários construídos com base em distinções raciais e, mais ainda, sob resíduos (Williams, 2011) de colonização e escravização de negros e indígenas. Essas edificações imaginárias ressoam nas vidas de brasileiros e brasileiras, mas também de imigrantes que trazem essas marcas estampadas em seus corpos. São heranças inscritas de forma subjetiva que posicionam esses sujeitos em uma condição de subalternidade e estigmatização (Paiva, 2018).

Os estigmas, portanto, são marcas visíveis, sinais naturais ou simbólicos do corpo – cor, cicatrizes, tatuagens – e estão na base de preconceitos e estereótipos (Soares, 2009). Segundo Mazzara (1999), tais mecanismos de discriminação tenderiam a diminuir conforme os avanços tecnológicos ocorridos em décadas recentes, e também pelo aumento da tolerância, igualdade e expansão dos valores democráticos. Entretanto, observa-se na atualidade a persistência e, muitas vezes, a expansão tanto de preconceitos quanto de estereótipos, como se pode notar em relação aos fenômenos migratórios contemporâneos. Nesses contextos, processos de exclusão se instauram e assumem uma nova lógica, ou até mesmo uma nova roupagem, adaptando-se para conviver com valores atualizados, passando de explícitos e ostensivos a implícitos e escondidos. Isso pode ser notado em diversas ações ancoradas em termos *politicamente corretos* para se referir às minorias sociais, sem que isso interfira, de fato, no circuito de discriminação e marginalização em que se encontram. De acordo com Mazzara:

Os termos preconceitos e estereótipos estão carregados de um significado muito negativo, tanto que é difícil encontrar quem reconheça abertamente que pensa e atua com base neles [...] nas relações pessoais, nos julgamentos que se expressam sobre os mais diversos temas, se considera desejável e justo ser capaz de valorizar as coisas de forma «objetiva», isto é: livre de preconceitos e de estereótipos (Mazzara, 1999, p. 7 [Tradução das autoras]).

Para o autor, é sobretudo em relação às questões étnico-raciais que os preconceitos e estereótipos se afirmam com maior força, tanto que não raramente a palavra «preconceito» é utilizada para se referir, justamente, a essas minorias sociais. Nos fluxos migratórios recentes no Brasil, temos, portanto, a combinação conflituosa da relação com o *outro* que, entretanto, não constitui um outro qualquer: é justamente aquele passível de ser hostilizado devido a sua origem racial distinta, marcada na cor de sua pele e em seus traços físicos.

Nesses fluxos migratórios, portanto, os deslocamentos e a «interculturalidade» (García Canclini, 2004) por eles produzidos intensificam as relações e as percepções acerca de preconceitos e estereótipos. De acordo com Soares (2009), os preconceitos operam como uma espécie de julgamento *a priori* de certos grupos ou indivíduos que, após serem socialmente incorporados e individualmente internalizados, passam a existir de forma independente dos estigmas (ou marcas) que eventualmente tenham originado essas concepções, manifestando-se em expressões naturalizadas, tais como: «Jovens são rebeldes, irresponsáveis, inconsequentes, descompromissados».

Ainda em diálogo com Soares (2009), os estereótipos operam por meio de intolerâncias já existentes e, de alguma forma, enquadram as pessoas em categorias previamente definidas. Desse modo, corroboram a manutenção de sistemas já instituídos por meio de estruturas de diferenciação de grupos e indivíduos, reproduzindo suas relações de poder:

Podemos ainda dizer que, nas três palavras citadas acima (estigmas, preconceitos, estereótipos), um indivíduo tenta encaixar o outro em um modelo pronto (deformando-o, se for preciso, para encaixá-lo), a partir de suas representações sociais; nos estigmas, o outro evoca em mim o desejo de estigmatizá-lo, desejo este que vem de um Outro lugar (nesse sentido, o estigma é sempre uma marca simbólica; mesmo que não seja visível no corpo há algo no sujeito que delimita esse campo do estigma, na relação estabelecida entre eu e o outro) (Soares, 2009, pp. 23-24).

Se os estereótipos refletem e confirmam o senso comum, produzindo interpretações unívocas, os preconceitos indicam a formação de juízos de valor não fundados na experiência, e sim em crenças, consolidando essas interpretações que, invariavelmente, não correspondem a percepções objetivas da realidade. Nessa dinâmica, considerando as vidas migrantes aqui relatadas, torna-se imprescindível compreender esses processos e refletir criticamente sobre os modos de inclusão e exclusão a que esses sujeitos, subalternizados e estigmatizados – posto que não são quaisquer migrantes, e sim aqueles vistos não apenas como diferentes, mas também como inferiores –, estão expostos.

De alguma forma, esses sujeitos em fluxos carregam em seus corpos as marcas visíveis e/ ou simbólicas que os diferenciam e os distinguem de um imaginário previamente construído do que significa e representa ser um imigrante – referências edificadas sob as bases das migrações europeias no pós-abolição da escravidão de negros africanos. Os traços visíveis são remetidos diretamente aos fenótipos de indígenas e negros, marcados por cor, marcas e sinais corporais. Os integrantes do coletivo Muxima na Diáspora tocam no cerne da questão que envolve o preconceito de traços e etnia. Em suas ações político-culturais, debatem e denunciam práticas racistas sofridas no Brasil, questionam e confrontam a ideia de um Brasil cordial/ acolhedor, onde a miscigenação impera e o racismo é quase inexistente. Por meio de apresentações e debates, inserem seus corpos – negros e retintos – em ambientes majoritariamente brancos, transformando-os em espaços de luta: antirracismo e antixenofobia.

Das marcas simbólicas, destacam-se a língua, as roupas, os hábitos alimentares, as músicas ou os cultos religiosos. Nos eventos que promovem, as jovens do Warmis ressaltam a importância dos saberes indígenas diretamente relacionados à questão da saúde feminina, defendem o direito de escolha da mulher – em especial às imigrantes com ancestralidade indígena – em optar por partos

realizados por parteiras de forma natural. Entretanto, relatam o preconceito que essas mesmas mulheres sofrem em hospitais no Brasil, principalmente os da rede pública, onde a grande maioria das imigrantes buscam tratamentos. Tal problemática retoma e reafirma o preconceito que envolve tais marcas simbólicas e culturais.

A noção de estereótipo, desse modo, é importante para refletir sobre tais dinâmicas sociais e situar algumas hierarquias, pois ele pressupõe o conflito e se encontra na esfera da disputa por discursos socialmente em circulação e narrativas hegemônicas. É também esse conceito que possibilita a ressignificação de traços e signos atribuídos a determinados grupos, como se pode perceber na luta travada pelos jovens imigrantes. Os estereótipos permitem a reapropriação positivada de uma marca gerada e produzida de modo depreciativo, de um estigma. Os preconceitos, por sua vez, estão mais naturalizados e enraizados em estruturas coletivas ou individuais; sua reprodução acontece de modo muitas vezes automatizado, gerando reações não pensadas ou racionalmente criticadas.

Os coletivos juvenis destacados, formados por jovens imigrantes, possibilitam o tensionamento das fronteiras entre estigmas, preconceitos e estereótipos, contribuindo para o reposicionamento dessas práticas discursivas em sua implicação com as formas de exclusão e distinção social no Brasil contemporâneo, tornando-se, assim, motores na condução da investigação junto a esses grupos. As maneiras pelas quais esses elementos se expressam são variadas e de diferentes naturezas; trata-se de uma questão complexa e, por vezes, difusa e porosa, até mesmo no reconhecimento dessas práticas e ações por aqueles que a sofrem. Em depoimento, um integrante do coletivo Visto Permanente, afirma:

Pra mim, desde as conversas para começar a escrever o projeto essa ideia totalmente intrínseca à questão política e à questão de militar por um espaço dentro da cidade através da arte, do

audiovisual e dos encontros para reconhecimento dos imigrantes. E pode ser um papo muito manjado, mas também para que se desestigmatize essa visão que há dos imigrantes, que mesmo tendo esse *boom* de imigração muito forte em São Paulo (não falo do Brasil porque não conheço), ainda tem muita xenofobia, ainda tem muito preconceito, não só da língua e das piadas infames, como “o pessoal do Haiti é o negro que veio roubar”, “o boliviano veio roubar nosso trabalho”, o outro para traficar, “a colombiana trouxe pó”, coisas que em pleno 2018 ainda não mudaram (EP. Visto Permanente, 13 mar. 2018).

Nota-se, no depoimento acima, uma articulação entre cultura e política, e a forma pela qual a cultura ora se manifesta como elemento de mediação das práticas políticas, ora se caracteriza, ela mesma, como ação política em si. Essa articulação tem se colocado como um grande desafio, tanto no dimensionamento teórico/conceitual, quanto no equacionamento no contexto da pesquisa de campo: de Gramsci (2000; 2002) e Williams (1992; 1997), restitui-se uma concepção de cultura como forma particular de vida e de conflito, como práticas simbólicas de resistência e contestação (e também de consentimento e negociação), presentes em todos os aspectos da vida cotidiana. Nesse âmbito se incluem atividades artísticas e intelectuais, produtos/ produções culturais e suas formas, e processos de criação e apropriação, de negociação e luta pela constituição das hegemonias. Cultura não como sinônimo de erudição, nem como campo cindido entre dimensões populares, massivas, eruditas, mas como lugar de mesclas conflituosas, que resultam de complexos processos de negociação – materiais e simbólicos – e de interesses diversificados – individuais e coletivos –, entre classes sociais, fragmentos de classes e «hegemonia» (Borelli e Aboboreira, 2011).

Cabe, ainda, reiterar a hipótese de que tais práticas se articulam tanto aos campos mais institucionalizados – políticas públicas, terceiro setor, iniciativa privada, organismos regionais e internacionais, movimentos sociais –, quanto se deslocaram his-

toricamente para a vida cotidiana, visibilizadas por intervenções cujas características respondem por certo grau de independência e autonomia.

Retomando, ainda, o depoimento do integrante, do Visto Permanente, é possível perceber essa aparente contradição: quase todos os elementos trazidos pelo jovem fazem referência a estereótipos atribuídos a grupos específicos, isto é, para além de um preconceito existente, alguns imigrantes – mais que outros – são caricaturados ao longo de suas permanências em fluxo. Na esfera do conflito, a fala do integrante converge diretamente para a mudança de posição dos estereótipos concebidos, uma vez que as práticas e ações político-culturais que produzem impulsionam a positivação de conceitos pré-estabelecidos ou, até mesmo, criam novas formas de pensar as tantas e múltiplas condições imigrantes no Brasil.

Com a aproximação aos coletivos juvenis, pode-se dizer que os processos vividos por esses sujeitos se situam, também, no «entre-dois» (Agier, 2015), pois se deparam com receptividade e repulsa (Farias, 2012); entre *ser* e *dever ser*; entre reexistir e resistir (Paiva, 2018). As narrativas, as trajetórias, as memórias de tantos jovens imigrantes confluem e se direcionam para a construção de possibilidades e formas de resistências e re-existências no cerne da sociedade brasileira. Por meio de suas ações político-culturais, constroem redes de afetividade e solidariedade; revivem e edificam outros cenários, novos territórios.

### *Existências, resistências, reexistências*

Appadurai (2004) afirma que o ser humano sempre foi global, uma vez que as migrações humanas estão no cerne das experiências individuais e coletivas. Em tempos de globalização, entretanto, a circulação de imagens, textos e informações produz uma dinâmica nova, na qual outras subjetividades são produzidas e combinadas: «Nem as imagens nem os espectadores cabem em circuitos ou

audiências que facilmente se confinam a espaços locais, nacionais ou regionais» (2004, p. 15). É sob esse duplo que as vidas imigrantes resistem e reexistem em suas permanências no Brasil.

Trata-se de conexões estabelecidas nos percursos, as pessoas relacionam-se entre si e interagem com objetos, imagens e imaginários ao longo dos trajetos. Esse movimento é capaz de gerar relações interculturais e transnacionais capazes de reformular paisagens que extrapolam fronteiras espaciais – nacionais, internacionais e muradas –, assim como alcançam lugares em escala global. As culturas se encontram e se refazem no cotidiano, por meio de experiências novas, inúmeras vezes conflituosas. Afetam e são afetadas pelos fluxos e pelas mobilidades existentes; categorias identitárias ora são despojadas, ora são reivindicadas por uma complexa articulação intercultural, transnacional e transfronteiriça:

interculturalidade remete ao confronto e ao entrelaçamento, no momento em que grupos estabelecem relações e trocas [...] interculturalidade implica conceber os diferentes tal como eles são e em suas relações de negociação, conflito e compartilhamento recíproco (García Canclini, 2004, p. 15 [Tradução das autoras]).

A possibilidade de que resistências e reexistências se manifestem está articulada tanto à antiga realidade vivida pelos imigrantes, quanto às atuais condições interculturais e transnacionais: repertórios e memórias em conflito com novas experiências. Desse modo, os significados transformados e recombinações, tanto por brasileiros quanto por imigrantes nessas zonas de contato (Hall, 2003), codificam e decodificam, ao mesmo tempo, trocas e compartilhamentos, maneiras de *ser e estar* no mundo, justaposições de traços identitários e ressignificações de representações e visibilidades.

É importante salientar que, por entre semelhanças e diferenças, os coletivos que participaram desta pesquisa contribuíram para a consolidação de respostas às indagações que orientaram a

análise, entre elas: a importância da cultura na configuração de práticas políticas; o enfrentamento às reiteradas manifestações de estigmas e preconceitos; a luta contra as desigualdades e pela conquista de sua condição de sujeitos de direitos. E o fazem, cada coletivo em suas singularidades, tanto na proposição de estratégias que se configuram como alternativa de existência, quanto na construção de trajetórias de luta para resistir e reexistir. Para além do posicionamento em relação a questões sociais mais amplas, suas pautas privilegiam um conjunto de ações voltadas para as micro-políticas da vida cotidiana.

O coletivo Visto Permanente, por exemplo, comprometido com uma prática de produção do audiovisual como um «acervo vivo», enfatiza que «estar vivo» pressupõe estar em movimento, em busca de outras formas de narrar as vidas cotidianas e de propor que novas histórias sejam contadas. Histórias de vidas silenciadas, nas quais espaços de fala e de escuta são elaborados e produzidos, e identidades eventualmente restituídas e mobilizadas:

A transformação dos fluxos migratórios na cidade de São Paulo exige a reconstrução dos discursos sobre as identidades migrantes e sobre a própria paulistanidade, considerando as novas comunidades e culturas que têm uma presença inalienável na cidade. Portanto, parece-nos fundamental propor espaços nos quais possa ser problematizado e debatido o lugar de imigrantes e refugiadas/os como sujeitos políticos e ativos, possuidores de direitos e capazes de produzir e recriar sua própria realidade, identidade e cultura (Visto Permanente, 26 de junho de 2018).

Integrantes do Sarau das Américas, por sua vez, organizam-se por meio de encontros focados nos debates e nas trocas – o microfone aberto possibilita a fala, a escuta e diferentes vozes ecoam: «Por meio de distintas culturas que representamos. Histórias, canções e imagens de outras latitudes, contadas e cantadas nessa nova língua multicultural que nos abraça: el portuñol». (Sarau das Américas, 2018).



Já as meninas e mulheres do coletivo Base Warmis – Convergência das Culturas encontram na diversidade de nacionalidades e etnias formas de existir e reexistir, com a participação de integrantes de vários países, especialmente da América Latina e Estados Unidos. Ademais, as atividades do coletivo são atravessadas por uma abordagem interseccional e as pautas de gênero, classe e raça – quando inseridas no centro das discussões sobre migrações – criam um espaço importante de diálogo com pautas feministas contemporâneas, e com as condições das mulheres migrantes. Suas ações redirecionam a reflexão acerca dos processos migratórios por privilegiarem narrativas e trajetórias femininas que, tradicionalmente, são invisibilizadas e marginalizadas:

Como mujeres migrantes participamos en espacios comunitarios, políticos, institucionales y académicos en los que se están generando conocimiento, debates e intercambio de experiencias [...]: migración, género y derechos humanos; feminismo comunitario; migración y movimientos sociales; migración e interculturalidad; movimientos sociales y metodología de la No Violencia Activa; identidad y subjetividad; la construcción de sentidos entre las migrantes; el o la investigador (a) y la relación con el objeto de estudio migrante, entre otros. [...] planteamos la propuesta de crear un grupo de lectura y escritura sobre migración, género y movimientos sociales. Este espacio estará abierto para mujeres migrantes cis o trans que viven en la ciudad de Sao Paulo (Bejarano, 2020, par. 3).

Kassindula (2020), integrante do Coletivo Muxima na Diáspora, indica finalmente caminhos para a compreensão de alguns dos processos de resistência e reexistência, em particular para aqueles relacionados à exclusão racial. Em sua página na rede social Facebook, publicou um texto intitulado «O despertador do preto»:

O processo do despertar do Preto tem três dimensões: a dor, a cura, a revolta [...] REVOLTA: Aqui nós já temos ciência de

quem somos, qual o lugar no mundo e para onde vamos. [...] Sem autoestima não há revolta, vc jamais matará seu opressor se vc quer ser como ele e o admira como o melhor. A revolta aqui é sobre construção de algo efetivo, não sobre «racistas não passarão». Sobre unidade, sobre comunidade, sobre organização. Espero que superemos esse árduo processo e eduquemos as futuras gerações a não passar por ele, só aí teremos avanços significativos (Kassindula, 17 junho de 2020).

Esses espaços de compartilhamento e de sociabilidade tornam-se potentes ferramentas para constituição de resistências e re-existências, em meio às adversidades cotidianas. Tais exclusões se expressam pela reiteração de estereótipos e preconceitos e, ainda, por violências raciais e de gênero inscritas na própria condição de migrante, condição essa reforçada em todas as suas interseccionalidades. As ações coletivas desenvolvidas pelos jovens imigrantes permitem a emergência de novas cartografias, que demandam urgência na proposição e execução de políticas públicas e sociais efetivas. Apenas a implementação dessas políticas pode gerar transformações capazes de alavancar as vidas migrantes à condição de sujeitos de direitos e de redesenhar o sentido atribuído às fronteiras físicas, sociais e imaginárias, assim como as práticas cotidianas transfronteiriças.

### *Referências*

- Agier, M. (2015). *Migrações, descentramento e cosmopolitismo: Uma antropologia das fronteiras*. Maceió/AL, São Paulo/SP, Brasil: Edufal/Editora da Unesp.
- Alles, N. L. y Cogo, D. (2018). Ativismos e usos de TICS por mulheres migrantes Latino-americanas: o caso do coletivo equipe de base Warmis. En R. Baeninger, L. M. M. Bógus, J. B. Moreira, L. R. Vedovato, D. Fernandes, M. R. Souza, C. S. Baltar, R. G. Peres, T. C. Waldman y L. F. A. Magalhães (edits.), *Migrações Sul-Sul* (pp. 296-308). Campinas, Brasil: Nepo/Unicamp.

- Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização: A modernidade sem peias*. Lisboa, Portugal: Teorema.
- Baeninguer, R., Bógus, L. M., Moreira, J. B., Vedovato, L. R. y Fernandes, D. (2018). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, Brasil: Nepo/Unicamp.
- Bejarano, L. E. T. (9 de marzo de 2020). Grupo de lectura y escritura sobre migración, género y movimientos. *Warmis*. Recuperado de <http://www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog/grupo-de-lectura-y-escritura-sobre-genero-y-migracion/>
- Belausteguigoitia, M. (2009). Frontera. En M. Szurmuk y R. M. Irwin (eds.), *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos* (pp. 106-11). México: Siglo XXI Editores/Instituto Mora.
- Bógus, L. M. M. y Fabiano M. L. A. (2015). O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. *Ponto e Vírgula* 2(18), 126-145. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/issue/view/1664>
- Borelli, S. H. S., Rocha, R. L. M. y Oliveira, R. C. A. (2009). *Jovens na cena metropolitana: Percepções, narrativas e modos de comunicação*. São Paulo, Brasil: Paulinas.
- Borelli, S. H. S. y Aboboreira, A. (2011). Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 9(1), 161-172.
- Borelli, S. H. S., Soares, R. L., Paiva, M. C. S., Klaus, P. et al. (2018). *Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*. (Relatório de Pesquisa. PIPEq-Plano de Incentivo à Pesquisa) São Paulo, Brasil: PUC-SP.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Echeverri, B. M. M. (2017). Somos muitos, somos diversos e aqui estamos cruzando fronteiras: Reflexões sobre a compreensão dos processos migratórios juvenis. *Revista DESidades*, 3(16), 9-19. Recuperado de <http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/Desidades16PT-11.pdf>
- Farias, M. (2012). *Relatos de imigrantes africanos na cidade de São Paulo sobre preconceito* (tesis de maestría). Pontifícia Universidade Católica: São Paulo.
- García Canclini, N. (2004). *Diferentes, desiguales y desconectados: Mapas de la interculturalidad*. Barcelona, España: Gedisa.
- Gramsci, A. (2000). *Cadernos do Cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (2002). *Cadernos do Cárcere. Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Gusmão, N. M. M. (2011). Na terra dos outros: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil. *Revista Dimensões* 1(26), 191-204.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? En T. T., Silva, S. Hall y K. Woodward (edits.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103-133). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.
- Kassindula, O. (17 de junio de 2020). O despertador do Preto. Homepage. [actualización de estado de Facebook]. Recuperado de <https://www.facebook.com/osvaldoevick/posts/3066653123419834>
- Mazzara, B. M. (1999). *Estereotipos y prejuicios*. Madrid: Acento Editorial.
- Paiva, M. C. S. A. (2018). *Juventudes transfronteiriças: (re)existência cultural e transnacional de um coletivo angolano em São Paulo* (tesis de maestría), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

- Muxima na Diáspora (2018). *Muxima na Diáspora* [actualización de estado de Facebook]. Recuperado de <https://www.facebook.com/www.muximadiaspora.com.br/>
- Santos, M. (2009). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Sarau das Américas. (2018). Sobre. *Sarau das Américas*. Recuperado de <https://saraudasamericas.com/sobre/>
- Sarau das Américas. (31 de octubre de 2018). Um Sarau para chamar de NUESTRO, e uma ponte para percorrer a literatura e artes feitas em territórios deste lado americano do Atlântico. [actualización de estado de Facebook]. Recuperado de [https://www.facebook.com/SarauDasAmericas/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/SarauDasAmericas/?ref=page_internal)
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. En T. T., Silva, S. Hall y K. Woodward (eds.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Soares, R. L. (2009). De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. *Revista E-Compós*, 12(1). Recuperado de <https://doi.org/10.30962/ec.v12i1.377>
- Valenzuela Arce, J. M. (2014). Transfronteras y límites liminales. En J. M. Valenzuela Arce (edit.), *Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales* (pp. 17-44). Tijuana, México: El Colef.
- Visto Permanente. (2018a). Projeto Visto Permanente. Recuperado de <https://www.visto permanente.com/>
- Visto Permanente. (2018b). Projeto Visto Permanente. «Performances». Recuperado de <https://www.visto permanente.com/performances.html>
- Warmis. (2018). Equipe de base Warmis, convergencia de culturas. Recuperado de <http://www.warmis.org/>
- Wendes, C. W. (2016). As Novas Migrações. *Dossiê Sur sobre Migração e Direitos Humanos*, 13(23), 17-28.
- Williams, R. (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.

- Williams, R. (1997). *Marxismo y literatura*. Barcelona, España: Península.
- Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. São Paulo, Brasil: Unesp.